



SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

O discurso transfóbico em púlpito legislativo

Transphobic discourse in legislative podium

El discurso transfóbico en púlpito legislativo

Adriana Delmira

Mendes Polato¹

orcid.org/0000-0002-8764-4217

ampolato@gmail.com

Recebido em: 15/07/2022

Aprovado em: 17/10/2022

Publicado em: 29/11/2022.

Resumo: Neste trabalho, a partir da perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), (BAKHTIN, 1998; VOLÓCHINOV, 2018; MEDVIÉDEV, 2019; BRAIT, 2008; ROHLING, 2020; ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2015; ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020; SANTOS-CLERISI, 2020; HUFF, 2021), analisamos um discurso político transfóbico, proferido no púlpito da assembleia legislativa do estado de São Paulo, pelo deputado estadual Douglas Garcia (PSL-SP), na ocasião em que se debatia projeto de lei que vetava a participação dos(as) *trans* em times esportivos. Para tanto, situamos a inserção da ADD no campo da Linguística Aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) e transgressiva (PENNYCOOK, 2006), e desse lugar evocamos o apoio das vozes de estudiosos que amparam a compreensão do fenômeno da violência de gênero e sua manifestação direcionada aos(às) pessoas *trans* (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995; SAFIOTTI, 2004; BUTLER, 2002; LOURO, 1995; MISKOLCI; PELÚCIO, 2007; JUNQUEIRA, 2014, 2018). Os resultados demonstram que o discurso transfóbico se constrói em púlpito de assembleia, de forma tensa, pela mobilização de relações dialógicas e axiologias agenciadas com base em pautas regressivas, vinculadas às refrações pejorativas do signo "ideologia de gênero", cujos desdobramentos vários desfecham em: discursos de negação de direitos, de negação à ocupação de espaços públicos e de negação da própria existência das(os) *trans* na sociedade, discursos biologizantes positivistas de embate às identidades dissidentes em relação à cis-heteronormatividade, discursos machistas de proteção e tutela à mulher e à família, discursos pejorativos e preconceituosos sobre as inteligibilidades dos corpos *trans*, discursos de ódio e incitativos de violência contra os(as) *trans*, discursos de descredenciamento e silenciamento das pessoas *trans* que ocupam cargos públicos. Tais discursos se concretizam sob entonações diversas e eloquentes de certeza, desprezo, deboche, ódio, indignação, irritação e outras.

Palavras-chave: análise dialógica do discurso; discurso político transfóbico; pautas regressivas.

Abstract: In this paper, from the perspective of Dialogical Discourse Analysis (DDA), (BAKHTIN, 1998; VOLÓCHINOV, 2018; MEDVIÉDEV, 2019; BRAIT, 2008; ROHLING, 2020; ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2015; ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020; SANTOS-CLERISI, 2020; HUFF, 2021), we analyze a transphobic political discourse, delivered from the podium of the legislative assembly of the state of São Paulo, by state representative Douglas Garcia (PSL-SP), on the occasion of a debate on a proposed law that vetoed the participation of transgender people in sports teams. To do so, we situate the insertion of ADD in the field of applied linguistics undisciplinarity (MOITA LOPES, 2006) and transgressive (PENNYCOOK, 2006) and from this place we evoke the support of the voices of researchers who sustain the understanding of the phenomenon of gender violence and its manifestation directed to transgender people (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995; SAFIOTTI, 1999; BUTLER, 2002; LOURO, 1995; MISKOLCI; PELÚCIO, 2007; JUNQUEIRA, 2014, 2018). The results show that transphobic discourse is built in assembly podium, in a tense way, by the mobilization of dialogic relations and axiologies agencyed based on regressive agendas, linked to the pejorative refractions of



the sign "gender ideology", whose various unfoldings outcome in: discourses of denial of rights, of denial to the occupation of public spaces and denial of the very existence of trans people in society, positivist biologizing discourses of embattlement to dissident identities in relation to cis-heteronormativity, sexist discourses of protection and tutelage to women and the family, pejorative and prejudiced discourses about the intelligibilities of trans bodies, hate discourses and incitatives of violence against trans people, discourses of discrediting and silencing trans people who occupy public positions. Such discourses materialize under diverse and eloquent intonations of certainty, contempt, debauchery, hatred, indignation, irritation, and others.

Keywords: dialogical discourse analysis; transphobic political discourse; regressive agendas.

Resumen: En este trabajo, a partir de la perspectiva del Análisis Dialógico del Discurso (ADD), (BAJTÍN, 1998; VOLÓCHINOV, 2018; MEDVIÉDEV, 2019; BRAIT, 2008; ROHLING, 2020; ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2015; ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020; SANTOS-CLERISI, 2020; HUFF, 2021), analizamos un discurso político transfóbico, proferido en el púlpito de la asamblea legislativa del estado de São Paulo, por el diputado, de este mismo estado, Douglas Garcia (PSL-SP), en la ocasión en que se debatía el proyecto de ley que vetaba la participación de los/de las *trans* en equipos deportivos. Para tanto, situamos la inserción de la ADD en el campo de la Lingüística Aplicada indisciplina (MOITA LOPES, 2006) y transgresiva (PENNYCOOK, 2006) y de ese lugar evocamos el apoyo de las voces de expertos que amparan la comprensión del fenómeno de la violencia de género y su manifestación direccionada a los/a las personas *trans* (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995; SAFIOTTI, 1999; BUTLER, 2002; LOURO, 1995; MISKOLCI; PELÚCIO, 2007; JUNQUEIRA, 2014, 2018). Los resultados demuestran que el discurso transfóbico se construye en púlpito de asamblea, de modo tenso, por la movilización de relaciones dialógicas y axiologías agenciadas con base en pautas regresivas, vinculadas a las refracciones peyorativas del signo "ideología de género", cuyos distintos desdoblamientos resultan en: discursos de negación de derechos, de negación a la ocupación de espacios públicos y de negación de la propia existencia de los/de las *trans* en la sociedad, discursos biologizantes positivistas de efecto a las identidades disidentes en relación a la cisheteronormatividad, discursos machistas de protección y tutela a la mujer y a la familia, discursos peyorativos y prejuiciosos sobre las inteligibilidades de los cuerpos *trans*, discursos de odio e incitativos de violencia contra los/las *trans*, discursos de desacreditamiento y silenciamiento de las personas *trans* que ocupan puestos públicos. Tales discursos se concretizan bajo entonaciones distintas y elocuentes de certidumbre, desprecio, escarnio, odio, indignación, irritación y otras.

Palabras clave: análisis dialógico del discurso; discurso político transfóbico; pautas regresivas.

Introdução

O Brasil é um país que mata pessoas *trans*. E não é há um dia que está no topo da lista entre todos os países que mais matam. Faz treze anos que ocupa o primeiro lugar² nesse pódio desonroso de morte. Enquanto isso, com a subida de governos arbitrários e conservadores ao poder, cujas ideologias formalizam atos de morte e exclusão para enformar a vida social, levantam-se os discursos regressistas inflamados contra o grupo LGBTQIAP³, no qual se inserem os/as *trans*, a quem se nega direitos, participação social e até possibilidade de existência.

À compreensão sócio-histórica, cultural e ideológica de constructos que sustentam relações sociais nas e das quais o grupo *trans* é aliado social e politicamente, faz-se necessário analisar e, logo, problematizar um discurso político em púlpito legislativo sobre e dirigido às pessoas *trans*, o qual foi proferido pelo deputado estadual Douglas Garcia, do PSL, em 03 de abril de 2019, na Assembleia Legislativa de São Paulo. Na ocasião, ele respondia ativamente, com teor de refutação, ao discurso precedente de Érica Malanguinho, uma deputada *trans* que repelia a proposta de veto do projeto de Lei 346/2019⁴ à participação de pessoas *trans* em times esportivos. Malanguinho discursava apoiada na compreensão de gênero como construção social, para além dos binarismos do sexo biológico (BUTLER, 2005), enquanto Garcia refuta sua arguição a entretecer seu discurso de outras relações dialógicas e compartilhamentos axiológicos, que aqui nos propomos a analisar.

Para a concretização dessa proposta, assumimos a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), inscrita e refratária das proposições da Linguística Aplicada (LA) do Brasil⁵, campo preocupado em "*criar inteligibilidades sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central [...]*" (MOITA LOPES, 2006, p. 14, grifo do

² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 20 jun. 2022.

³ Sigla utilizada para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e outras identidades ou subjetividades dissidentes em relação à cis-heteronormatividade (JUNQUEIRA, 2018).

⁴ Referimo-nos ao Projeto de Lei 346/2019, do deputado estadual Altair Moraes, que vetava a participação de pessoas *trans* em times esportivos.

⁵ Acreditamos nessa relação, embora saibamos que nem todos os pesquisadores do campo concordam com essa afirmação.

autor). A ADD se funda sob o paradigma indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) e, como reiteram outros pesquisadores, transgressivo (PENNYCOOK, 2006) da LA e assim se mostra interessada tanto em contextos quanto em tematizações marginais de pesquisa. Desse "lócus de periferia cultural, econômica, epistemológica" (KLEIMAN, 2013, p. 43), propõe-se a discutir responsabilmente a vida social, via compreensão do entrelaçamento ideologia-história-sujeito-linguagem. Ainda a partir dessa perspectiva indisciplinar e transgressiva de estudo, a ADD está aberta a se valer de vozes teóricas de resistência consolidadas no campo das Ciências Humanas, o que concretizamos neste trabalho ao evocar apoio de estudos que abarcam o fenômeno da violência de gênero e sua faceta direcionada às pessoas *trans* (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995; SAFIOTTI, 2004; BUTLER, 2002; LOURO, 1995; MISKOLCI; PELÚCIO, 2007; JUNQUEIRA, 2014, 2018,).

Como resposta de interlocutores brasileiros contemporâneos a pressupostos delineados por Bakhtin (1988, 2008, 2014), Volochínov (2013a, 2013b, 2018) e Medvedev (2019), a Análise Dialógica do Discurso (ADD) prospecta-se teórico e analiticamente ética e responsável (BAKHTIN, 2010), ao lado de outras abordagens discursivas consolidadas, como a francófona. Assim, neste trabalho, em embate à violência de gênero contra as pessoas *trans*, constitutiva e constituída na e a partir das relações sociais, a ADD se coloca a serviço da vida social, para debater discursos de morte, de ódio, incitativos de intolerância, violência e injustiças que estão na base de assimetrias sociais verticais.

A ADD compreende que toda manifestação discursiva se materializa na forma de enunciados concretos mobilizados em gêneros discursivos, os quais são tomados como unidades de análise que considera suas dimensões extralinguísticas e linguísticas. A partir das instâncias componentes da dimensão extralinguística do enunciado – o cronotopo, a esfera ideológica de onde o discurso

emerge e a situação de interação discursiva que o engendra (ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020) –, a ADD compreende a materialidade dos enunciados como entretecida por relações dialógicas (BAKHTIN, 2008), ou relações de sentido entre enunciados, que se estabelecem a partir de efeitos semânticos, compartilhamentos axiológicos matizados por reflexos e refrações da atmosfera axiológica enunciativa (VOLOCHÍNOV, 2018), a qual consubstancia partidas ideológicas entre interlocutores, e logo, avaliações sociais possíveis em dada sociedade.

Diante do exposto, perguntamos neste trabalho: como o discurso do deputado Douglas Garcia, PSL, proferido no púlpito da assembleia legislativa de São Paulo, serve à defesa de um posicionamento ideológico-axiológico transfóbico?

Em termos teórico-metodológicos, assumimos o movimento dialógico de pesquisa em Ciências Humanas e da Linguagem proposto por Bakhtin (2011), que "se materializa por gestos interpretativos, por contínua atribuição de sentidos [...] e não por gestos matematizadores" (FARACO, 2009, p. 41), assim como os encaminhamentos do método sociológico de estudo da língua/discurso delineado por Volochínov (2018) e esmiuçado por pesquisadores brasileiros. Para o empreendimento da análise, transcrevemos o discurso do Deputado Douglas Garcia, que, publicizado na íntegra em vídeo disposto na plataforma Youtube, pode ser acessado⁶ pelo leitor. Excertos do discurso transcrito, conforme orientações de Petri (1999), para conservação de traços entonacionais, são marcados cronologicamente e mobilizados na análise, restrita à materialidade linguística.⁷

Nossa justificativa social e acadêmica para o desenvolvimento deste trabalho é encorpar a voz pró-reconhecimento social responsável das pessoas *trans*, pelo direito desse grupo de existir de fato e ter acesso a espaços públicos, privados, de não ser agredido e morto. Assim, problematizamos essa questão social ao apontar às relações dialógicas que se engendram no dis-

⁶ Discurso disponível em vídeo no endereço: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

⁷ Em púlpito de assembleia, os gestos, na forma de mãos em púlpito, para impostar-se; mãos em punho, para acompanhar entonações inflamadas; dedos enriste, para efeito de autoridade, por exemplo, são direcionados aos interlocutores e ao tema, de modo protocolar. Reconhecemos a importância desses aspectos componentes do discurso oral, mas não os elegemos para análise neste trabalho.

curso transfóbico, e às axiologias compartilhadas, a dizer das tensões históricas, culturais, políticas e ideológicas, próprias de modos conceber a vida desse grupo e que têm legitimado e consentido a sua opressão severa e expressiva, com desfecho trágico ao seu aniquilamento.

Organizamos o artigo em duas grandes seções. Em uma primeira, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos da ADD, a discutir de seus princípios epistemológicos orientadores, com base nos escritos de Bakhtin e do Círculo e de pesquisadores brasileiros contemporâneos que se filiam à perspectiva adotada (BAKHTIN, 1998; VOLÓCHINOV, 2018; MEDVIÉDEV, 2019; BRAIT, 2008; 2017; ROHLING, 2020; ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2015; ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020; HUFF, 2021). Em uma segunda seção, apresentamos a análise aportada nos pressupostos teórico-metodológicos arrolados.

1 ADD e princípios teórico-metodológicos orientadores

Em uma das discussões fundantes da ADD, Brait (2008) apresenta pressupostos teórico-metodológicos defendidos por Bakhtin e o Círculo, que, em sua visão, prospectam e consubstanciam a uma proposta teórico-metodológica de Análise Dialógica do Discurso. Brait (2008) admite que Bakhtin e os autores do Círculo provavelmente "jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada" (BRAIT, 2006, p. 9). A ADD, portanto, não se configura a partir de uma definição fechada por seu próprio embasamento constitutivo. Um possível fechamento configuraria uma contradição em relação aos seus próprios termos, porque a partir dessa perspectiva é necessário considerar: a) "a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida" (BRAIT, 2006, p. 9); b) "uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas

empreendidas por sujeitos historicamente situados" (BRAIT, 2006, p. 10).

Para Brait (2006), a partir das reflexões de Bakhtin (2008), na análise da poética de Dostoievski, firma-se um primeiro princípio metodológico fundante para a ADD: não aplicar conceitos prontos à compreensão do discurso, mas "deixar que [...] revelem sua forma de produzir sentido, a partir de um ponto de vista dialógico, num embate" (BRAIT, 2006, p. 24). Bakhtin (2008) empreende esse movimento ao promulgar a emergência do conceito de polifonia, a explicar a composição equipolente e plenivalente de vozes sociais no discurso literário do outro russo, como fenômeno refratativo de relações sociais instituídas no contexto em que a obra emerge.

Brait (2006) explica, ainda, que Bakhtin (2008) anuncia a proposta de Metalinguística ou Translinguística ao analisar *Problemas da poética de Dostoievski*, e, dessa forma, configura uma nova disciplina, que considera necessário avançar para além das propostas da linguística estrutural, que, à época, concebia a língua como um objeto abstrato, homogêneo, convencional. A Metalinguística, portanto, é a disciplina que contempla a integração indissociável das dimensões extralinguísticas e linguísticas do enunciado para compreensão do discurso que nele se mobiliza. Assim, o discurso é apresentado como objeto complexo e multifacetado, "pertencente simultaneamente à linguística e à nova disciplina" (BRAIT, 2006, p. 11) de modo que é "compreendido como língua viva, isto é, a língua como concretude, a língua mediando a interação" (FRANCO; ACOSTA-PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2019, p. 276).

Propulsionados pelas discussões inaugurais de Brait, autores brasileiros passam a corroborar o desenvolvimento dessa proposta. Santos-Clerisi (2020, p. 59), ao sumarizar as principais considerações teórico-metodológicas da ADD no Brasil, reúne alguns dos estudos fundacionais que consubstanciam a ADD como campo de estudo discursivo, como se apresenta na Figura 1, em formato original de quadro.

Figura 1 – Pressupostos da ADD no campo dos estudos discursivos

AUTORES	TÍTULO	ENCAMINHAMENTOS PROPOSTOS PARA A ADD
ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo RODRIGUES, Rosângela Hammes	Por uma análise dialógica do discurso: reflexões (2015)	Na análise de um discurso a partir da ADD, o pesquisador precisa atentar-se para: "(i) a concepção de discurso como língua viva, a língua em uso em contextos de interação específicos; (ii) o estudo do enunciado como a forma material do discurso; (iii) o estudo do discurso a partir das relações dialógicas com outros discursos; (iv) o estudo das relações dialógicas enquanto relações semântico-axiológicas [...]; (v) o estudo das projeções valorativas e ideológicas como índices sociais plurivalentes que consubstanciam o discurso e o situam em determinados horizontes sócio-histórico-culturais; (vi) o estudo das formas da língua (uso dos recursos lexicais, gramaticais, textuais) como resultado da relação expressiva do sujeito com o seu discurso em situações singulares e concretas de interação verbal." (p. 81)
ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo	A orientação sociológica para a análise da língua (2016)	A pesquisa a partir do método sociológico do Círculo, ou seja, da ADD, prevê que: "(e1) a unidade de análise desconjunta-se da palavra ou oração para o enunciado. (e2) o enunciado seja considerado como unidade de comunicação social e, integrado às conjecturas da interação, materializa-se na forma típica de gêneros do discurso; (e3) as etapas de análise transitam do social (as formas típicas de interação e das enunciações) para o verbal (as formas linguísticas em sua interpretação habitual). (e4) a análise das formas linguísticas deve aceder a elucidação estilística e o desvelar sociológico." (p. 17)
BRAIT, Beth	O discurso sob o olhar de Bakhtin (2007)	Na investigação com base na ADD, utilizar-se de conceitos pré-estabelecidos é inviável, pois deve haver um contato dialógico com o corpus da pesquisa, em um <i>continuum</i> sempre inconcluso, mesmo que em seu acabamento. É preciso que a dinâmica da pesquisa relacione a busca incessante por outras noções e conceitos, dada a complexidade da relação entre as atividades humanas e as atividades discursivas.
FRANCO, Neil; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição	Por uma análise dialógica do discurso (2019)	Percurso analítico que orienta a pesquisa sob a ADD: 1) dimensão <i>extraverbal</i> , compreendendo <i>cronotopo</i> , esfera de atividade humana, situação de interação, ideologia, valorações e relações dialógicas; 2) dimensão verbo-visual, compreendendo gênero discursivo e seus elementos constituintes que organizam materialmente o enunciado, conteúdo temático, estilo e construção composicional – análise linguística/semiótica.
ROHLING, Nívea	A pesquisa qualitativa e a análise dialógica do discurso (2014)	Alguns parâmetros podem orientar as pesquisas a partir da ADD: "O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco; A descrição dos papéis assumidos pelos participantes de uma interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso; O estudo do <i>cronotopo</i> (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados; O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados; A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados discursos <i>híbridos</i> , apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, <i>renúncia</i> de discursos e <i>reacutuação</i> de discursos." (p. 50).
SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina	Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD (2016)	Os passos sugeridos para a realização de uma análise com base na ADD são: 1) partir de textos efetivamente produzidos (exemplares reais dos gêneros); 2) verificar de que modo os sujeitos realizam interações com esses exemplares de gênero (propósitos enunciativos); 3) examinar as formas linguísticas e sua significação habitual. Para dar conta da língua e de sua significação, a ADD precisa "descrever o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas; analisar as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro); e, por fim, interpretar que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo." (p. 1092)

Fonte: Santos-Clerisi (2020, p. 59).

Como confirmam as pesquisas consideradas, o estatuto dialógico do discurso é conferido pelo fato de não haver enunciação à parte do tempo-espço. A primeira e mais ampla camada componente da dimensão extralinguística do enunciado é o cronotopo. Bakhtin (1998) compreende esse conceito como uma unidade temporal-espacial indissolúvel, mas não fundida, que reforça a realidade imediata dos pensamentos, sentidos e vivências. O cronotopo medeia a emergência de uma imagem de homem ideologicamente constituída, já como reflexo e refração de uma história social, cultural mais ampla, permeada por tensões ideológicas que constituem índices de identidade aos sujeitos (BAKHTIN, 1988). Esse processo se dá atrelado ao desenvolvimento histórico dos objetos semânticos, ou temas discursivizados nos enunciados constitutivos da cadeia dos discursos, em constante formação na sociedade.

Ao explicar a importância do cronotopo para a constituição do discurso literário, a partir da análise dos romances clássicos, Bakhtin (1988, p. 203) apresenta reflexões aplicáveis à análise

de enunciados de qualquer esfera. Para o autor, o tempo é o "princípio condutor do cronotopo" (BAKHTIN, 1998, p. 213) e se coaduna às variantes espaciais, para formar uma união indissolúvel que medeia relações sociais. Ao discutir os encontros sociais que se dão no romance grego, por exemplo, Bakhtin (1988) explica como esses têm "constantemente lugar nas organizações da vida social e nacional" (BAKHTIN, 1988, p. 223), visto que "todos conhecem os vários tipos de encontros sociais organizados e o significado deles" (BAKHTIN, 1988, p. 223). Em razão disso, "todo mundo espaço-temporal está submetido a uma interpretação simbólica" (BAKHTIN, 1988, p. 272), pois cada imagem discursivizada, cada cena da vida social representada no enunciado "está plena de potencial histórico e, portanto, está propensa a participar com todo o seu ser do acontecimento histórico no cronotopo histórico-temporal" (BAKHTIN, 1988, p. 273). Assim, a vida cotidiana entra no enunciado e ele inteiro se elabora para voltar à vida social, sob uma baliza ideológica manifestada em um posicionamento axiológico. É o que acontece, de modo

especial, com o discurso político proferido em púlpito legislativo, que, per si, é um discurso de representação social, constituído axiológica e ideologicamente para responder aos reclames de certa base eleitoreira.

Por adição, o discurso emerge vinculado a uma esfera ideológica da comunicação com função específica na unidade da vida social (VOLÓCHINOV, 2018). As esferas ideológicas de produção/recepção dos discursos consubstanciam a produção de sentidos e colocam à disposição dos sujeitos um repertório de gêneros discursivos à mobilização de projetos axiológicos de dizer. De modo geral, elas (as esferas)

não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, valorativas e de sentidos como, em adição, os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2010, p. 3).

Na e a partir das esferas, configuram-se as situações sócio-históricas, culturais e ideológicas amplas e imediatas de interação discursiva. Volóchinov (2018, p. 206, grifo do autor), ressalta que *"a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente, e por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado"*. Em linhas gerais, o meio social amplo confere a historicidade aos discursos enquanto sua novidade e eventicidade é vinculada à situação específica de interação, que forma o enunciado, participa integralmente de seus sentidos e o obriga a soar de determinado modo e não de outro (VOLÓCHINOV, 2018).

Em *Palavra na vida e palavra na poesia*, Volóchinov (2013a) delinea que a situação imediata é composta de "aspectos subentendidos da parte não verbal: o espaço e o tempo em que ocorre a enunciação – o 'onde' e o 'quando'; o objeto ou tema de que trata a enunciação – 'aquilo de que' se fala; e a atitude dos falantes face ao que ocorre – 'a valoração'" (VOLÓCHINOV, (2013a, p. 172, grifo do autor). A situação mais próxima de interação discursiva e os seus participantes, ainda, determinam a forma e o estilo do enunciado e sua

entonação. Volóchinov (2013a) explica que o sentido geral de qualquer enunciado é dependente da situação imediata que o gerou, sem deixar de "incluir todas as causas e condições gerais mais remotas daquele intercâmbio comunicativo verbal específico" (VOLÓCHINOV, 2013a, p. 171) e de sua orientação social. O vínculo entre o enunciado, a situação e o auditório se estabelecem, em grande parte, pela mediação concreta da entonação, que, por sua vez, é manifestação de uma avaliação social consumada, sendo meio dúctil para compartilhamento de valorações pelos interlocutores constituídos no enunciado.

Ademais, na perspectiva da ADD, todo discurso está entretecido de relações dialógicas. Não apartadas das relações lógicas, mas com elas também não fundidas, as relações dialógicas são integrantes do discurso, da língua viva, enquanto fenômeno integral em funcionamento no enunciado concreto. Explica Bakhtin (2011) em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, que as relações dialógicas pertencem à metalinguística. Assim, "as relações de sentido dentro de um enunciado [...] são de índole lógico-objetiva [...] no entanto as relações de sentido entre os diferentes enunciados assumem índole dialógica" (BAKHTIN, 2011, p. 320). Isso implica que as escolhas vocabulares, gramaticais, e outras de arranjo feitas pelo autor de linguagem no enunciado estão todas orientadas ao tratamento do tema e aos interlocutores, a entretecer no enunciado relações dialógicas, pela mediação axiológica. Decorre que no enunciado, "[...] por um lado, todo objeto 'precondicionado' e 'contestado' é elucidado; por outro, é obscurecido pela opinião social heterodiscursiva, pelo discurso do outro sobre ele (BAKHTIN, 2015, p. 49, grifo do autor).

Bakhtin (2008) elucidada, ainda, que as relações dialógicas não se constituem apenas entre enunciados integrais, mas podem engendrar-se no âmago de uma palavra isolada, entre estilos de linguagem, entre dialetos sociais, na enunciação como um todo, além de serem possíveis entre outros fenômenos conscientizados, como na relação entre imagens/enunciados. Isso justifica

que o discurso se constitui na atmosfera de já ditos, ao mesmo tempo em que se orienta para respostas novas, novos interlocutores (BAKHTIN, 1998, 2011).

O enunciado, por sua vez, é sempre mobilizado em um gênero do discurso que o satura de projeções ideológicas. Em sua orientação interna e externa à realidade (MEDVIÉDEV, 2019), o gênero do discurso possui meios próprios de apreender a realidade e discursivizar temáticas, porque em sua expressividade típica, responde à atitude valorativa, à vontade discursiva do autor, que já o escolhe ou utiliza de forma determinada pela situação de interação, para demarcar ou compartilhar um posicionamento ideológico e axiológico sobre uma temática da vida social com o(s) interlocutor(es) constituído(s), sempre a partir de uma relação de alteridade (AMORIM, 2004). De uma forma ou de outra, a escolha ou uso da forma típica de enunciado mobilizadora do discurso é inteiramente axiológica (BAKHTIN, 1988).

Para Medviédev (2019), o enunciado mobilizado no gênero está orientado aos ouvintes, receptores, às condições determinadas, mas, ao mesmo tempo, está orientado à vida por meio de seu conteúdo temático (conteúdo semântico-objetual). "A seu modo o gênero está tematicamente orientado para a vida" (MEDVIÉDEV, 2019, p. 195). E como "cada gênero é um tipo especial de construção e acabamento do todo, [...] um tipo de acabamento temático e essencial, e não convencional e composicional" (MEDVIÉDEV, 2019, p. 195), importa a compreensão de seu todo valorativo e não de sua estrutura.

Em razão disso, em qualquer enunciado, as axiologias servem a uma compreensão histórica e imediata do tema na e a partir do emaranhado das ideologias que consubstanciam sua totalidade do sentido. O tema é historicizado nas relações sociais e aprendido sob determinado posicionamento axiológico para a formação do conteúdo temático do enunciado, cuja exauribilidade abarca relações dialógicas que formam a arquitetônica dos sentidos. Em razão disso, o conteúdo temático é cronotópico (ACOSTA

PEREIRA; OLIVEIRA, 2020).

Já o estilo verbal empregado nos gêneros do discurso constitui-se um lugar pluridiscursivo, de flexibilidade e de formação arquitetônica, pois "todos os momentos da palavra que realizam composicionalmente a forma, transformam-se na expressão da relação criativa do autor com o conteúdo (BAKHTIN, 1988, p. 68). Por isso, na e a partir do horizonte axiológico, inscrevem-se na superfície linguística entonações respondentes ao tom do gênero e ao mesmo tempo próprias do autor, que com e diante do outro compartilha valorações. A entonação também é responsável por organizar vozes sociais no enunciado de modo peculiar, com reacentos valorativos únicos. Na materialidade dos enunciados, as valorações e respectivas concretizações entonacionais consubstanciam relações dialógicas "que apontam para a presença de assimilação de discursos já ditos e discursos prefigurados, discursos bivoicais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenunciação de discursos e reacentuações de discursos (ROHLING, 2014, p. 49).

No limite inferior da entonação expressiva engendram-se, ainda, as entonações sintático-gramaticais (VOLOCHÍNOV, 2013b), que encetam sentidos lógicos no discurso. "As relações dialógicas são extralinguísticas" [...] , mas não se separam "do campo do discurso, da língua enquanto fenômeno integral concreto" (BAKHTIN, 2008, p. 208-209). Assim, a expressividade do enunciado é construída em processo estilístico de índole axiológica, pois todas as escolhas vocabulares, gramaticais e outras (BAKHTIN, 2011) conferem ressaltos valorativos ao discurso.

Em qualquer enunciado, índices de valor social mobilizados nos signos apoiam-se em índices anteriores e ao mesmo tempo fazem-se únicos. Nos embates e atos discursivos, os signos são constantemente reavaliados e revalorados, daí a noção de que eles próprios se constituem na arena dos discursos, assim como dela são integrantes. "Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um novo sentido se revela em um antigo e por meio dele,

mas com o objetivo de entrar em oposição e o reconstruir" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 238). A revalorização dos signos é ininterrupta, quantitativa e cumulativa, e reflete e refrata a organização da vida no meio social. À medida que ocorre a revalorização dos signos, os índices de valor que regem as relações sociais passam a ser outros e a sociedade se transforma. Desse modo, toda e qualquer apreciação, bem como sua compreensão, é prerrogativa a ampliar/manter/regredir percepções de existência e vivências, sob as bases de dada ordem socioeconômica. A revalorização dos signos nos enunciados que compõem a cadeia discursiva representa, para alguns grupos, a alteração de relações sociais. Em oposição a isso, para outros grupos, a manutenção do valor dos signos significa enformar a vida, para dar manutenção a relações de poder, de modo que a própria cadeia dos discursos sobre dado tema é, per se, permeada de tensões sociais.

Como explica Medviédev (2019), "a avaliação social reúne a minuta da época e o assunto do dia com a tarefa da história. Ela determina a fisionomia histórica de cada feito e de cada enunciado, sua fisionomia de indivíduo, de classe e de época" (MEDVIÉDEV, 2019, p. 185). Ao falarmos de sujeitos, linguagem, classe, época, formação social, precisamos falar em ideologia, visto as avaliações sociais nascerem e se desenvolverem em vinculação a ela.

Acosta Pereira e Brait (2020, p. 128), ao revisitem o estatuto dialógico da palavra/enunciado, afirmam que é em dimensão semiótico-ideológica que a "atualização dos signos em palavras e sua projeção reflexivo-refrativa se realiza em resposta à avaliação ideológica do mundo social, cultural, histórico, impulsionada pelas relações sociais, intersubjetivas, humanas".

Nas relações sociais, concorrem e se influenciam mutuamente as ideologias cotidianas e formais. A primeira, constituída em seu estrato inferior, nos encontros causais e fortuitos do cotidiano, com o tempo pode se encorpar organizada em estratos superiores, quando passa a representar o pensamento de um grupo em dada organização social (infraestrutura). Em relação

dialética e dialógica com a ideologia oficial, a ideologia cotidiana a testa nas vivências (VOLÓCHINOV, 2018). Esse é um movimento tenso, mediado pela palavra, que se embebe axiológica e ideologicamente de índices de valor nas vivências cotidianas e transita para as esferas da ideologia formalizada. A ideologia formalizada, por sua vez, dada como conteúdo ou estrutura oficial, estável, busca pela estabilização dos índices de valor dos signos, aplica força de resistência contrária às vezes que se levantam para reconfigurar a vida, porque está a serviço dos grupos que privilegia em uma dada ordem socioeconômica. Assim, atua para legitimar relações de poder, assimetrias entre as classes, grupos (superestrutura). Não há exemplo mais concreto do que seja a ideologia formal que o discurso político em púlpito de assembleia, a partir do qual se argui axiológica e ideologicamente para legislar a vida deste ou daquele ponto de vista. Trata-se da luta pela consumação de dada virada ou da manutenção do *status quo*.

Como explica Bakhtin (2014), as "camadas não-oficiais da ideologia do cotidiano são condicionadas pela época e por uma classe" (BAKHTIN, 2014), p. 89) e penetram integralmente o comportamento verbal do sujeito pertencente a dado grupo social, o que se mostra no discurso político em púlpito de assembleia, que, por ser um discurso de representação, encorpa um coro social de dado grupo pertencente à organização social.

Essas questões fundacionais da Análise Dialógica do Discurso, sobre as quais pontuamos à luz da epistemologia dos escritos de Bakhtin e o Círculo e explicadores nesta seção, recuperam sinteticamente os pressupostos teórico-metodológicos de base dialógica que balizam o empreendimento da análise do discurso transfóbico em púlpito de assembleia legislativa, que agora passamos a analisar.

2 O discurso transfóbico em púlpito de assembleia legislativa

O grande cronotopo constitutivo da historicidade de relações sociais no Brasil organiza-se

em torno de tensões, na e a partir das quais, atualmente, o ativismo científico e os movimentos sociais organizados se encorpam de encontro à violência de gênero e sua vertente fóbica contra os corpos *trans*, o que se refrata às materialidades discursivas em embates a discursos e práticas “heterorreguladoras de dominação simbólica, (des)legitimação de corpos, sujeitos, saberes, práticas e identidades, e de subalternização, marginalização, estigmatização e exclusão” (JUNQUEIRA, 2014, p. 5). Na vida socialmente organizada, subsiste a exclusão social, política e o aniquilamento expressivo das pessoas *trans*, de modo que esse grande cronotopo atual é refratário de uma grande arena de lutas que se reflete, em última instância, nos pequenos cronotopos (BAKHTIN, 1988) das assembleias legislativas de Estados-Membros e da República Federativa do Brasil.

No púlpito das assembleias legislativas, as “diferentes maneiras de simbolizar, significar e semiotizar esse real que afeta a todos, [...] se materializa na linguagem (ROHLING, 2021, p. 5222). Os deputados sobem ao púlpito com intuito discursivo de defender ou rebater posicionamentos axiológicos e ideológicos para (in)validar projetos de lei em torno de temas sociais que requerem novas interpretações. Se o tema chega ao púlpito para ser discutido, depreende-se que a ideologia cotidiana já se encorpou em estratos superiores e que ele tem sido debatido, historicizado nas vivências, a ponto de pressionar mudanças na ideologia enformada em legislação (VOLÓCHINOV, 2018). Assim, as demandas de uma sociedade real, na qual as diferenças existem e a vida pulsa contra a morte das/dos *trans* e vice-versa, chega ao púlpito, locus de representatividade, sem encontrar consenso.

Nesse “processo de assimilação do tempo, do espaço, e do indivíduo histórico real que neles se revela” (BAKHTIN, 1988, p. 211) na sociedade

brasileira, vemos “os índices do tempo transparecerem no espaço” (BAKHTIN, 1988, p. 211), de modo que sujeitos deputadas ou deputados, ao discursivizarem a promulgação ou negação dos direitos dos(as) *trans* no púlpito, ancoram-se em avaliações sociais progressistas ou regressivas,⁸ em graus vários de apreensão, reelaboração e resposta ativa. Portanto, ali são sujeitos que se refratam como homens públicos dispostos a resolverem juridicamente crises sociais, científicas, morais, políticas e, em última instância, econômicas.

Assim, o deputado Douglas Garcia, do PSL-SP, sobe ao púlpito para rebater a defesa feita por Érica Malanguinho em favor da participação de pessoas *trans* em times esportivos. Garcia abre a seção de fala com cumprimentos e elogios ao projeto de lei em votação e aproveita para elogiar outro projeto de lei sobre a chamada “ideologia de gênero”, como se nota no excerto marcado.

(1) Seu presidente... eu gostaria aqui de parabenizar ao projeto de lei... do deputado Altair Moraes... é um projeto de lei muito eficiente... assim como o projeto de lei do deputado Wellington Moura que proíbe... a ideologia de gênero... (DEPUTADO..., 2019).⁹

Ao congratular os pares que agem como legisladores guiados pelas mesmas partidas ideológicas, Garcia se refrata à sua base de coalizão congressista e à sua base eleitoreira. De pronto, ele avalia o projeto de Altair Moraes como “muito eficiente” e, logo em seguida, convoca seus interlocutores ao compartilhamento de axiologias que sustentam índices de valor ao signo “ideologia de gênero”. Entre seus correligionários, a “ideologia de gênero” é compreendida como amplo e pernicioso movimento de má doutrinação, ao qual a instituição escolar serve ao ensinar crianças, adolescentes e jovens a se tornarem homoafetivas ou a simpatizarem com os que não são heteronormativos, bem como com suas pautas. Por outro lado, de um ponto

⁸ Compreendemos a pauta regressiva como um posicionamento político de alta tensão conservadora, que busca promover o retrocesso, na busca por valores que não podem mais reger a organização social, sob a pena de excluir grupos. Trata-se, no caso da ideologia de gênero, de uma cruzada que “implica intensa mobilização política e discursiva em favor da reafirmação das hierarquias sexuais” (JUNQUEIRA, 2018, p. 251).

⁹ Trecho do vídeo *Deputado transfóbico ameaça trans a tapa*, transcrito pela autora do intervalo entre 05min 58s e 06min 06s. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

de vista sociológico, político, conforme discute Junqueira (2018), a "ideologia de gênero" é um movimento de pautas regressivas que nasce na esfera ideológica da religião e depois se refrata a outras. Os movimentos eclesiais, associações pró-família e pró-vida, organizações jurídicas, médicas, geralmente os partidos de direita ou extrema direita, participam dessa cruzada, que tem como agentes pessoas jurídicas, públicas e até dirigentes de Estado (JUNQUEIRA, 2018).

O discurso de Garcia, portanto, vem ao encontro dos interlocutores

interessados em promover uma agenda política moralmente regressiva, [...] orientada a conter ou anular avanços e transformações em relação a gênero, sexo e sexualidade, além de reafirmar disposições tradicionalistas, pontos doutrinários dogmáticos e princípios religiosos 'não negociáveis' (JUNQUEIRA, 2018, p. 451).

A pautas regressivas que sustentam o combate à chamada "ideologia de gênero" envolvem a retirada da educação para a sexualidade nas escolas, a censura ao acesso de informações sobre saúde sexual, o rechaçar a arranjos familiares que não são heteronormativos, assim como a repatologização das homossexualidades e transgeneridades (JUNQUEIRA, 2018).

Portanto, é na e a partir dessa tensão entre a busca e a negação dos direitos e até mesmo a negação do direito dos(as) *trans* a existirem e terem participação assegurada na vida social, que emerge, no cronotopo do púlpito legislativo, um *discurso político transfóbico de coalizão representativa regressiva*. O posicionamento axiológico é transfóbico, a coalizão é com as forças políticas, e a representatividade refere-se à relação com a base eleitoreira. Portanto, conforme discute Huff (2021, p. 143, grifo da autora), "o cronotopo abarca não só o objeto do discurso, mas também o ato da enunciação em si e, portanto, o autor e o interlocutor na situação de interação, dando base para o analista recuperar uma *imagem discursivizada de sujeito cronotópica*".

Esse discurso emerge na esfera ideológi-

ca dos discursos políticos, que não estabelece fronteiras definidas, fixas, com outras esferas. De forma hibridizada (ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020), o discurso político em púlpito se embebe, por exemplo, do que se discursiva na esfera científica, na esfera do cotidiano, na esfera moral e em outras. No caso específico do conteúdo temático do discurso de Douglas Garcia, ele não se atém a exaurir o tema da (não) equidade biológica, o que seria um argumento questionável, mas relativamente possível, já que se encontra em discussão na esfera esportiva. Em vez disso, Garcia desfecha em mobilizar uma série de discursos ou relações dialógicas que sustentam um posicionamento axiológico transfóbico, com base em discursos biologizantes, moralistas conservadores, machistas, apoiados em pautas regressivas, como adiante expandimos, e como se constitui no excerto aqui em análise:

(2) [...] não INTERESSA para mim a denominação ou nome... a COLOCAÇÃO que você diz... mas você precisa SIM... RESPEITAR OS VALORES DO NOSSO POVO... e respeitar principalmente a própria biologia... (DEPUTADO..., 2019).¹⁰

A ênfase entonacional em "INTERESSA", na forma verbal precedida pelo advérbio de negação "não", se concretiza a partir de um amálgama que reúne entonações de revolta, desprezo, agressividade e indiferença aos(as) *trans*. No pronome "você", Garcia institui diretamente o grupo *trans* e a deputada sua representante como interlocutores diretos, para afirmar que para ele não interessa quem eles são. Depois do "SIM" enfático, uma pausa, para lançar o argumento seguinte de que esse grupo precisa "RESPEITAR OS VALORES DO NOSSO POVO" e a "biologia". No signo ideológico "nosso povo", consuma-se tanto uma valoração que remete ao grupo conservador que o deputado representa quanto se enceta um índice de valor de totalidade absoluta da nação, já que, na situação de interação no púlpito, ele é representante do povo, de modo que a eloquência entonacional e o conteúdo do discurso servem ao convencimento de supradestinatários, terceiros,

¹⁰ Trecho do vídeo *Deputado transfóbico ameaça trans a tapa*, transcrito pela autora do intervalo entre 07min 11s e 07min 22s. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

acima dos interlocutores certos, imediatos, que em sua interpretação responsiva participam da formação do discurso vivo, com "resistência ou apoio que o enriquecem" (BAKHTIN, 2015, p. 52).

No excerto (2), portanto, se mostra uma hibridização de esferas, que se concretiza em tensões e distensões fronteiriças *político-científico-cotidiano-moralistas*. A esfera do discurso político é, portanto, refratária da realização discursiva enquanto a esfera científica da biologia é trazida para ratificar a verdade incontestável do argumento biológico, que voltaremos a discutir mais tarde. Já a esfera cotidiana é agenciada para se congregar valores homofóbicos, transfóbicos, que sustentam, nas vivências, a negação dos sujeitos cujas expressões e estilos de vida indiquem transgressão, ou falta de sintonia à heteronormatividade (JUNQUEIRA, 2014).

E sendo o enunciado um arcabouço que instaura a interação autor-tema-interlocutor (VOLÓCHINOV, 2013a), na situação de interação discursiva que se realiza pela mediação do púlpito, Garcia assume o papel de homem público, que argui para legislar a vida social. Nessa posição de deputado, ele é autoridade. No entanto, ao ancorar seu discurso a visões totalitárias, monológicas, passa a ter um discurso autoritário (BAKHTIN, 2015). Bakhtin (2015) elucida que quando a palavra de outrem não mais se apresenta para nós na qualidade de informações, indicações e outros, ela diretamente procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica em relação ao mundo. Daí surge a palavra autoritária como palavra interiormente persuasiva.

A isso se junta o fato de que "a vida pública e o homem público são por natureza *abertos, visíveis, audíveis*. A vida [pública] possui formas variadíssimas de autopromoção e de autoavaliação" (BAKHTIN, 1988, p. 244, grifo do autor). O discurso de um homem público tem alcance social amplo, daí o teor de sua responsabilidade ética. Ele fala para seus interlocutores imediatos, como já discutimos, e fala para supradestinatários, terceiros impossíveis de se prever. O que se diz nas

assembleias atualmente está na televisão, nos jornais. O homem público está suscetível à glória ou ao escândalo em razão de seus discursos.

O discurso de Garcia é autoritário, mas, ao mesmo tempo, um discurso político bivocal, porque embora se constitua de várias vozes em sua base (BAKHTIN, 2008), todas elas são convergentes ao mesmo posicionamento axiológico, que busca por combater as sexualidades ditas transgressoras, e que, portanto, ameaçam a família.

De todo modo, o compartilhamento de axiologias no discurso envolve apreensão social, discurso interior e expressão, ou seja, o dito, feito palavra minha para outros. Como explica Volóchinov, "o mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem um auditório social estável, e nesse ambiente formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações, etc" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205) a partir das relações de alteridade (AMORIM, 2004). No caso do discurso de Garcia, a orientação objetal das relações dialógicas e, logo das axiologias, mobilizadas, se dá na e a partir de pautas regressivas, regidas, entre outros valores, pelo combate voraz à ideia de gênero como construção social, para além do binarismo do sexo biológico. Esse fechamento binarista, como problematiza Scott (1995), é aprendido por meio de práticas masculinizantes ou feminizantes, imersas às instituições sociais já generificadas e que não deixam de ser ideológicas. Assim, prossegue o deputado em seu discurso:

(3) Eh: se um homem nasce homem e se sente mulher... daqui a cinquenta... cem anos... duzentos anos... se for encontrado um osso dele... for estudado pela medicina ele vai constatar que veio de um homem... (DEPUTADO..., 2019).¹¹

Como analisamos, no excerto se mobiliza um discurso biologizante positivista, cartesiano, que desconsidera a constituição sócio-histórica, cultural, ideológica do sujeito, para reduzi-lo a sua condição biológica. Aqui, as Ciências Humanas são desprezadas porque prevalece a ideia de um estudo essencialmente monológico, que está

¹¹ Trecho do vídeo *Deputado transfóbico ameaça trans a tapa*, transcrito pela autora do intervalo entre 06min 11s e 06min 22s. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

centrado na coisa morta (BAKHTIN, 2011). Nesse discurso, as expressões de tempo reforçam que a condição de homem biológico é atemporal e irrevogável. O osso de um homem será o osso de um homem daqui a duzentos anos. A entonação sintática imprime a lógica condicional, e sugere que se nasce homem, sempre será homem. Para o deputado, o homem é o homem da medicina dura, o animal, e não o homem que sente, que vive. Já nesse excerto do discurso, o deputado nega linguisticamente o signo ideológico *trans*, como se nota na expressão “se um homem nasce homem e se sente mulher”.

A partir dessas bases ideológicas e, por sua natureza e alcance social, na situação de interação discursiva que envolve o discurso político em púlpito de assembleia legislativa, ele se constitui *transfóbico-bivocal-autoritário*, como agora passamos a esmiuçar na análise do conteúdo temático, realizado estilístico-composicionalmente, para a formação da arquitetura da atuação discursiva completa.

2.1 O conteúdo temático do discurso de Douglas Garcia e sua realização estilístico-composicional

No conteúdo temático de seu discurso, Garcia prossegue a confrontar os avanços das conquistas dos(as) *trans*, a reforçar o discurso binarista do sexo biológico, como se analisa no excerto que segue:

(4) E não é apenas esse tipo de descalabro que vem acontecendo né... no nosso estado... no nosso país... como eu já vi em muitos banheiros... como por exemplo no Centro Cultural de São Paulo um absurdo escrito lá “este banheiro é de homens cis... homens trans... homens não sei das quantas... homens daquilo outro”... e das mulheres EXATAMENTE a mesma coisa... “mulheres cis... mulheres trans... sei lá sabe o quê...” a população brasileira assim como o RESTO do mundo nasceu homem ou mulher... (DEPUTADO..., 2019).¹²

O deputado manifesta-se com uma entonação irritada e avalia como descalabro o fato de haver banheiros que contemplem o grupo das(os) *trans*

no centro Cultural de São Paulo, um espaço público. Ele rechaça a presença dos signos homens cis, homens *trans*, mulheres cis e mulheres *trans*. Posteriormente, promove o processo de apagamento dos signos de reconhecimento social das identidades não binárias de gênero com expressões generalizantes e pejorativas, como “homens não sei das quantas... homens daquilo outro”. Tais expressões congraçam entonações de desprezo, irritação, irrelevância, ao encetarem relações dialógicas e axiologias próprias das discussões cotidianas, informais, quando locutores geralmente não querem mais arguir sobre o que consideram indiscutível, irrelevante. Nessa relação de alteridade com interlocutores constituídos, o deputado reforça que o que foge à heteronormatividade, à condição biológica de ser, não interessa a ele, não existe, não tem direitos, é abjeto, não é humano (BUTLER, 2002) e não pode ser socialmente reconhecido. Assim, vemos as relações sociais se refletirem “pela palavra e pelo *páthos*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 238, grifo do autor). Esse *pathos* de macho protetor, ancorado em um arsenal heterossexista (JUNQUEIRA, 2014) se concretiza na ênfase, na emoção, na paixão com que realiza a orientação entonacional, objetual e interlocutiva, cotidiana da palavra-discurso. Sua voz faz-se a voz do povo e assim, se institui um *discurso de negação de direitos e de negação da própria existência das pessoas trans*.

Na posição de autoridade masculina, que detém o poder (LOURO, 1995) e que se coloca como protetor das mulheres que estão abaixo dele na hierarquia social (SAFIOTTI, 2004), Garcia prossegue a se investir de um posicionamento axiológico agressivo e incitativo de práticas de violência contra o grupo social dos(as) *trans*, como se constitui no excerto 5:

(5) porque... senhor presidente... com todo respeito... se acaso dentro do banheiro de uma mulher... em que a minha irmã ou a minha mãe estiver utilizando... e entrar um HOMEM que se sente mulher... ou q/ que pode ter arrancado o que ele quiser... colocado o que ele QUISER... porém EU NÃO ESTOU NEM AÍ... eu vou tirar primeiro no TAPA e depois chamar a polícia

¹² Trecho do vídeo *Deputado transfóbico ameaça trans a tapa*, transcrito pela autora do intervalo entre 06min 39s e 07min 06s. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

para ir levar... porque é esse o PONTO que chegou no nosso Brasil... (DEPUTADO..., 2019).¹³

O deputado novamente mobiliza a entonação lógica de condição para apresentar uma cena simulada de encontro com uma mulher *trans* dentro de um banheiro feminino público, onde sua mãe e irmã deveriam supostamente ser defendidas por ele daquela presença desrespeitosa e infortuna da *trans*, o que legitimaria a aplicação da violência. No pronome possessivo "minha", se concretiza a posse e a tutela sobre a irmã e a mãe, que estariam à sombra desse sujeito macho, protetor. Assim, compreendemos a língua ideologicamente preenchida, como delineia Bakhtin (2015). O efeito de posse confirma a mulher como não sujeito de si, mas o outro, como discute Beauvoir (1980). Com a adjetiva restritiva "HOMEM que se sente mulher...", ele continua a negar, na e pela língua, a existência do signo *trans* e, logo, do grupo que a partir dele se refrata socialmente. Garcia, ainda, se refere pejorativamente às inteligibilidades corporais *trans*, constituídas tensamente à luz das normas heterossexuais¹⁴. Por isso, desfecha: "ou que pode ter arrancado o que ele quiser... colocado o que ele QUISER... porém EU NÃO ESTOU NEM AÍ". Conforme discute Pelúcio (2005), ao retomar a noção de gêneros inteligíveis de Butler (2002), os corpos de travestis, por exemplo, constituem-se, quase sempre, a manter continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Por isso, travestis se esforçam na construção de um corpo que dá visibilidade a atributos associados ao feminino (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007). Essa mesma inteligibilidade é o que, paradoxalmente, os torna seres abjetos, que são alocados pelos discursos hegemônicos nas zonas invisíveis, inabitáveis (BUTLER, 2002). Assim, a mulher *trans* não poderia ocupar o pequeno cronotopo do banheiro de uma instituição pública, como enseja o deputado. Ressalte-se que, anteriormente, o deputado havia criticado a existência de banheiros para *trans* em espaços

públicos, o que nos permite depreender que, para ele, as pessoas *trans* devem ser totalmente alijadas desses espaços. Em razão disso, ele está legitimado a agredi-las e a acionar forças regulatórias da polícia para apoiá-lo.

Conforme discute Junqueira (2014, p. 5), em "tais manifestações de virilidade, além de postular-se digno representante da comunidade dos homens de verdade", ele pode até ser premiado, reconhecido como herói por seus correligionários. Na esteira dessas investidas, Garcia constrói um discurso inflamado, próprio das ofensivas do movimento anti-"ideologia de gênero", para produzir ou a alimentar pânico moral (COHEN, 1972), "por meio de estratégias político-discursivas voltadas a arremessar a sociedade em uma batalha em defesa da 'família tradicional'" (JUNQUEIRA, 2018, p. 451). Nesse caso, a tutela e a proteção à irmã e à mãe tanto estão associadas à reafirmação de seu poder na estrutura patriarcal (SAFIOTTI, 2004) quanto a sua luta política como homem público pela preservação da família tradicional ali afrontada pela *trans*.

Ademais, conforme discutem Miskolci e Pelúcio (2007), por pautar sua orientação ideológica em uma visão binarista, heteronormativa, Garcia demonstra compreender a mulher *trans* sob a ótica de um gênero desordenado, "uma sexualidade perigosamente marginal. Marginalidade que é até mesmo territorial" (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 269). Por isso, age como guardião do espaço público. Vemos, portanto no excerto analisado, a concretização de discursos machistas de proteção e tutela à mulher, pejorativos sobre as inteligibilidades dos corpos *trans*, incitativos de violência contra as pessoas *trans*, privativos do direito das pessoas *trans* de serem reconhecidas nos espaços públicos, autoproclamadores da afirmação coletiva da virilidade e do heroísmo.

Ao terminar o discurso, Garcia dirige-se à deputada *trans* Érica Malanguinho e a interpela por tentar encadear uma tréplica refutativa ao seu

¹³ Trecho do vídeo *Deputado transfóbico ameaça trans a tapa*, transcrito pela autora do intervalo entre 07min 22s e 07min 44s. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

¹⁴ Na visão de Miskolci e Pelúcio (2007, p. 263), "ainda que desestabilizem o binarismo de sexo/gênero, as travestis, paradoxalmente, o reforçam em seus discursos e ações. Porém, é somente pelo paradoxo que elas podem expressar seu conflito com as normas de gênero vigentes. O paradoxo é a condição de sua ação (ou agência)".

discurso. Ele afirma que ela não está mais no ensino fundamental e que não sabe se comportar como uma parlamentar, como se nota:

(6) a deputada por gentileza me respeite... a deputada não está mais no ensino fundamental... tá... a senhora é uma parlamentar... (DEPUTADO..., 2019).¹⁵

Garcia a humilha e a diminui como pessoa e, ao mesmo tempo, ridiculariza e descredencia seu comportamento como parlamentar, com entonações de deboche e ironia, para vetar seu direito à réplica, a negar, mais uma vez, o direito das(os) *trans* ao espaço público, político e ao lugar de fala.

Considerações finais

Aqui analisamos como, no cronotopo do púlpito de assembleia legislativa, o discurso transfóbico se concretiza em *coalizão representativa regressiva*. Já do ponto de vista da esfera ideológica, sua construção hibridiza, em tensões e distensões fronteiriças, discursos *político-científico-cotidiano-moralistas*, enquanto na situação imediata de interação discursiva, constitui-se *transfóbico-bivocal-autoritário*.

Tais refrações valorativas e cumulativas das camadas extralinguísticas do discurso refletem-se no conteúdo temático do enunciado, pela mobilização de relações dialógicas e axiológicas que o entrecem de discursos de negação dos direitos das pessoas *trans* à ocupação de espaços públicos, de negação da própria existência das(os) *trans* na sociedade. Em convergência a pautas regressistas que combatem as identidades dissidentes em relação à cis-heteronormatividade, mobilizam-se, ainda, discursos biologizantes positivistas, discursos machistas de proteção e tutela à mulher e à família tradicional, discursos pejorativos e preconceituosos sobre as inteligibilidades dos corpos *trans*, discursos de ódio e incitativos de violência, discursos de descredenciamento e silenciamento das pessoas *trans* que ocupam cargos públicos. O discurso do deputado, ainda, é eloquente e oscila ou reúne entonações

de certeza, desprezo, deboche, ironia, ódio, indignação, irritação e outras.

Referências

- ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; BRAIT, Beth. A valoração em webnotícias direcionadas às mulheres. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 89-107, jul./set. 2020. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1394>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Por uma análise dialógica de discurso: reflexões. In: ALVES, Maria da Penha Casado; VIAN JR., O. (org.). *Práticas discursivas: Olhares da Linguística Aplicada*, Natal: EDUFRN, 2015. p. 61-84.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988. p. 211-362.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 307-336.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2. ed. 2014.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 19-167.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Fatos e Mitos. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980. v. 1.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.
- BRAIT, Beth. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (org.). *Análise do discurso: as materialidades do discurso*. 3. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2007. p. 19-32.

¹⁵ Trecho do vídeo *Deputado transfóbico ameaça trans a tapa*, transcrito pela autora do intervalo entre 07min 54s e 08min. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-DtMELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Barcelona: Pardos, 2002.

COHEN, Stantey. *Folk devils and moral panics*. London: MacGibbon & Kee, 1972.

DEPUTADO transfóbico ameaça trans a tapa. [S. l.: s. n.], 3 abr. 2019. 1 vídeo (10min 15s). Publicado pelo canal YouTube T. Disponível em: <https://youtu.be/yZnw-Dt-MELs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Por uma análise dialógica do discurso. In: GARCIA, D. A.; SOARES, A. S. F. *De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275-300.

HUFF, Luana Araújo. *Entre o sujeito e/ o seu discurso: um estudo dialógico*. 2021. 202 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Conceitos de diversidade. [Entrevista concedida a Yéssica Lopes]. *Revista Diversidade e Educação*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 4-13, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6353>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária anti-gênero. *Psicologia Política*, [S. l.], v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a04.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

KLEIMAN, Angela Del Carmen Bustos Romero de. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada brasileira: problematizações. In: KLEIMAN, Angela Bustos Romero de (org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Revista Educação e Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722/40669>. Acesso em: 10 set. 2020.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch N. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2019.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. *Revista Gênero*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 257-269, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30980>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e a análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ROHLING, Nívea. Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas. *Fórum Linguístico*, [S. l.], v. 17 n. 4, p. 5221-5237, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/78444>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS-CLERISI, Gabriela Debas dos. *Reverberações dos estudos dialógicos da linguagem no discurso da BNCC: em torno do objeto discursivo prática de análise linguística/semiótica*. 2020. 328 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SCOOT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, [S. l.], v. 2, n. 20, p. 145-155, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40067>. Acesso em: 11 out. 2020.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de Linguagem*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 10 jan. 2022.

VOLOCHÍNOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin) *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Palavra na vida e palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a. p. 71-100.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b. p. 213-250.

Adriana D. Mendes Polato

Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR), em Maringá, PR, Brasil; mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR), em Londrina, PR, Brasil. Professora de Língua Portuguesa e prática do ensino de Língua Portuguesa do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em Campo Mourão, PR, Brasil. Pesquisadora permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento. Suas pesquisas envolvem a análise linguística e suas relações com a leitura e com a escrita e a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Líder do grupo de pesquisa "PRADIS – Práticas discursivas na escola" (UNESPAR/CNPq) e vice-líder do grupo "Interação e escrita" (UEM/CNPq).

Endereço para correspondência

Adriana D. Mendes Polato

Universidade Estadual do Paraná

Campus Campo Mourão

Av. Comendador Norberto Marcondes, 733, Bloco D,
sala 15

87303-100

Campo Mourão, PR, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação da autora
antes da publicação.*